

André Pasti e Adriana Maria Bernardes da Silva

O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrónica

André Pasti e Adriana Maria Bernardes da Silva, « O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro », *Confins* [Online], 19 | 2013, posto online em 04 Dezembro 2013, Consultado o 04 Dezembro 2013. URL : <http://confins.revues.org/8653> ; DOI : 10.4000/confins.8653

Editor: Théry, Hervé
<http://confins.revues.org>
<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://confins.revues.org/8653>

Documento gerado automaticamente no dia 04 Dezembro 2013.

© Confins

André Pasti e Adriana Maria Bernardes da Silva

O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro

- 1 Observa-se, atualmente, uma presença cada vez maior das finanças como centro da sociedade contemporânea e elemento constitutivo do espaço geográfico. O dinheiro se tornou o “elemento que imprime velocidade aos outros elementos da história” (Santos, 1999, p. 10) e hoje poucas atividades ditas econômicas se fazem sem o acesso a algum tipo de instrumento financeiro (Contel, 2007, p. 2). As aplicações financeiras e os fluxos de capital têm, hoje, destaque tanto sobre os fluxos de dinheiro para o investimento produtivo quanto sobre os fluxos de mercadorias (Arroyo, 2006, p. 178-179).
- 2 A esfera financeira da economia engloba as atividades bancárias, de crédito, de câmbio, de seguros e as atividades relacionadas ao mercado de capitais¹, derivativos², futuros e opções, negociados em bolsas de valores.
- 3 A recente mundialização das finanças (Chesnais, 1998) caracteriza mudanças profundas no sistema mundo, na medida em que contribui para amplificar os fluxos e as influências dominantes – interessando, assim, à análise geográfica. Garretsen, Kitson e Martin (2009) reafirmam a relação entre espaço e finanças e apontam para a necessidade de leituras geográficas coerentes com o atual período, propondo a análise dos circuitos espaciais da finança global. A mundialização das finanças interessa, particularmente, aos estudos urbanos (Béteille, 1991, p. 10), já que, conforme Labasse (1974, p. 95-97), as funções financeiras são, juntamente com a função política, as mais urbanas de todas. O desenvolvimento do mercado de capitais e das bolsas de valores, assim, acompanhou o surgimento das cidades, em especial das metrópoles — que centralizam as atividades financeiras. De acordo com Mumford (2005, p. 447), a instituição que assinalou o ponto capital do desenvolvimento da cidade comercial foi a Bolsa, e é nas cidades que se estabeleceram esses centros de trocas.
- 4 O período histórico atual é marcado, também, pela revolução informacional (Lojkin, 2002), quando a informação emerge como elemento que organiza novos contextos socioterritoriais e as novas atividades produtoras de informação passam a ser centrais à elaboração e à coordenação das múltiplas redes globais (Silva, 2001, p. 6). A partir de uma série de transformações técnicas e políticas, as redes informacionais tornaram-se suporte essencial para o funcionamento mundializado das finanças.
- 5 Este artigo resulta de nossa investigação a respeito do movimento das bolsas de valores — e, assim, do mercado de capitais — no processo de financeirização do território brasileiro, a partir da configuração dos círculos de informações financeiras que embasam o funcionamento desse mercado no período da globalização. Para tanto, discutimos as relações entre os círculos de informações e os novos usos do território, as principais transformações técnicas e políticas no mercado de capitais brasileiro a partir da globalização, os novos agentes e conteúdos trazidos pelos círculos de informações financeiras na cidade de São Paulo e as implicações dessa reorganização do mercado de capitais à rede urbana brasileira.

Os círculos de informações e o território usado

- 6 De acordo com Gonçalves (2002, p. 7), uma das características marcantes da sociedade contemporânea é a penetração das novas tecnologias da informação na vida econômica, social e política — às quais acrescentamos, também, a dimensão territorial.
- 7 O território é nosso quadro de vida. Ao conceituá-lo, Santos (2009, p. 15-16) afirma que o que interessa à análise social não é o território em si, mas sim os usos do território. Para este autor, o território são as formas, mas o território usado são os objetos e ações. Conforme Santos e Silveira (2006, p. 247), para definir um território “devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre a materialidade, que inclui a natureza, e seu uso, que inclui a ação humana, isto é, o trabalho e a política”.

- 8 O verdadeiro instrumento da união entre as diversas partes de um território, atualmente, é a informação (Santos, 2009, p. 16). Conforme Dantas (2003, p. 25), com base em um conjunto de autores ligados à teoria científica da informação e da comunicação, informação é um “processo de seleção efetuado por algum agente, entre eventos passíveis de ocorrer em um dado ambiente”. A partir da importância crescente da informação, consideramos a existência de um novo setor da economia, o quaternário, que agruparia as atividades informacionais, conforme proposição de Porat (1977). Para Tomelin — que destaca o papel da ciência nesse setor quaternário — as atividades deste seriam caracterizadas “pela ação de conceber, criar, interpretar, organizar, dirigir, controlar e transmitir” (Tomelin, 1988, p. 71).
- 9 Trata-se de um contexto de reorganização produtiva que corresponde geograficamente a uma nova divisão territorial do trabalho, onde alguns espaços “comandam” outros por meio dessas redes de informação. Como afirma Santos (2009, p. 38) “agora são os fluxos de informação que hierarquizam o espaço urbano”. Segundo Pred (1979, p. 13), por meio desses fluxos de informação cada vez mais presentes, uma mudança significativa em um lugar influencia outros lugares.
- 10 E que informação é essa? Em primeiro lugar, de acordo com Laborit (1973, p. 33), pode-se distinguir a informação especializada, necessária aos trabalhos técnicos, da informação generalizada, necessária à vida humana. Nesse sentido, diferenciamos a informação banal, do cotidiano de todos, da informação produtiva ou estratégica (Silveira, 1997; Silva, 2001; 2009). A partir daí, poderíamos avançar para uma tipologia que considere dentre as informações estratégicas quatro subgrupos: (1) a informação financeira, objeto de nosso estudo; (2) a informação sobre negócios, produzida pelas empresas de consultoria e marketing; (3) a informação enquanto imagem, produzida pelo circuito da publicidade, e (4) a informação tecnológica, produzida em centros de pesquisa e universidades (Silva, 2001, p. 110-112).
- 11 A presente análise é realizada a partir dos círculos³ de informações financeiras, os quais são a base do funcionamento atual do mercado de capitais. De acordo com Mattelart (1994, p. 23),

o conjunto das transformações técnicas que se operam no modo de comunicação leva a mudar de forma radical o estatuto econômico da informação [...], torna arcaicas as regulamentações das Bolsas de Valores e força a procurar novos procedimentos de intervenção nos mercados. A informação torna-se coisa de especialista e sua complexidade exige a competência de analistas preocupados em prever a conjuntura.

- 12 Para Dias (2005, p. 62), o alargamento da esfera monetária da circulação e a organização das redes financeiras se associam diretamente ao acelerado desenvolvimento das redes eletrônicas de telecomunicação, em função da importância da circulação de informações para o circuito financeiro. Para esta autora, o valor da informação financeira reside, também, na extraordinária poupança de tempo que as novas tecnologias de comunicação proporcionam.
- 13 Transformações técnicas e normativas que viabilizaram os fluxos globais de informação conferiram a grande importância política, econômica e geográfica dessa variável. Assim, torna-se imprescindível investigar os círculos informacionais, as transformações espaciais para o abrigo desses círculos e as densidades e rarefações nos territórios em função da informação.

Os novos sistemas técnicos e a informação financeira como suporte ao mercado de capitais

- 14 Para compreender a gênese dos círculos de informação como suporte para o mercado financeiro, partimos de uma breve periodização. Do surgimento da primeira bolsa de valores no país — a BVRJ, em 1845 no Rio de Janeiro — até a véspera do golpe militar de 1964, temos um primeiro período, que consideramos como o “embrião” do mercado de capitais nacional, quando o uso financeiro do território era marcado pelas dinâmicas regionais e a contiguidade dominava a finança (Contel, 2007, p. 291). Nessa etapa, as negociações eram realizadas em bolsas regionais, por meio do pregão ao vivo. As técnicas de funcionamento das bolsas brasileiras eram influenciadas pela bourse francesa, e uma série de normas foram impostas para uma primeira organização do mercado⁴.
- 15 O golpe militar de 1964 acompanha um conjunto de transformações que englobam a estruturação de um sistema financeiro nacional. Inicia-se, então, um novo ciclo de

normatização, com leis que regulamentam diretamente o mercado de capitais⁵ — desde então sob influência do modelo norte-americano de organização do mercado. A partir, também, de um contexto de difusão do meio técnico-científico-informacional⁶ no território brasileiro, inicia-se uma transformação nas técnicas de funcionamento do mercado de capitais, que passa, desde 1972, a utilizar sistemas baseados na informática e na eletrônica (BM&FBOVESPA, 2009a) — mas funcionando, ainda, sob predomínio do pregão ao vivo.

16 No que se refere à divisão territorial do trabalho, essa reorganização do período militar levou à substituição do modelo de várias praças financeiras regionais para uma centralização financeira. Apesar da existência das diversas bolsas regionais, duas bolsas passaram a dividir o comando do mercado de capitais nacional: a Bolsa de Valores de São Paulo — Bovespa — e a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro — BVRJ. A bolsa fluminense possuía primazia sobre os títulos de empresas públicas e a paulistana sobre os papéis de empresas privadas (Luna, 2004, p. 347).

17 Desde o fim da ditadura militar, mas sobretudo a partir da década de 1990, iniciou-se um novo período, que perdura até atualmente, marcado pela mundialização das finanças, pela importância crescente da informação financeira e pela hegemonia de São Paulo no comando do mercado de capitais. A partir do processo de abertura do mercado e das privatizações dos anos 1990, a BVRJ perdeu ainda mais força frente à Bovespa⁷, que passou a controlar nessa década mais de 90% do mercado. Essa centralização do mercado de capitais na Bovespa se deu de tal forma que em 2000 ela incorporou a BVRJ e as demais bolsas regionais, passando a monopolizar o mercado de capitais brasileiro. Às demais bolsas restou o papel de promover o mercado de capitais e prestar serviços às praças financeiras locais (Bovespa, 2008a).

18 As técnicas atuais dão, pois, suporte ao funcionamento do mercado de capitais e das bolsas de valores. Observa-se hoje um mercado de capitais cada vez mais informatizado e informacional. Informatizado pois as novas tecnologias de informação são imprescindíveis para o funcionamento desse mercado. Elas viabilizam o tempo real e, assim, a possibilidade da realização de operações instantaneamente em todo o mundo⁸, e uma consequente expansão do pregão eletrônico em detrimento do pregão ao vivo. Além disso, são utilizadas no processamento de informação e na geração de novas informações mais especializadas — como inúmeros gráficos e análises — e até em novas formas automatizadas de atuação na bolsa, com ordens sendo lançadas no pregão por algoritmos definidos em softwares, batizados como robot-traders. Informacional pois todo o trabalho de operação na bolsa atualmente é baseado em um uso intenso de informações atualizadas em tempo real, desde cotações até análises especializadas. A especialidade dos operadores, em sua tomada de decisões para a compra e venda de títulos, passou a ser lidar com essas informações em larga escala e rapidamente.

19 No caso da Bovespa, apesar de o embrião dos sistemas eletrônicos datar de 1972, essas transformações se dão principalmente a partir de 1990, com a implantação do sistema de negociação eletrônica. Inicialmente o sistema utilizado era o CATS — Computer Assisted Trading System —, que foi substituído em 1997 pelo sistema Mega Bolsa — considerado mais eficiente, que permite que as corretoras negociem na bolsa em tempo real de seus escritórios — em busca de uma maior fluidez (Silva, 2001, p. 123). O pregão eletrônico, nesse caso, funcionava em paralelo com o pregão ao vivo.

20 Em 1999 ocorreu o lançamento do chamado Home Broker, sistema que permite que os investidores operem diretamente de casa, por meio do sistema das sociedades corretoras mas sem necessidade de participação direta dos corretores, via internet (Ferreira, 2007, p. 63-64). No mesmo ano, a Bolsa lançou o pregão eletrônico noturno — inédito, até então, no mercado de capitais mundial —, permitindo a operação após o período regular de pregão, batizado como after-market. No ano seguinte, houve a integração das bolsas de valores regionais pela Bovespa, que passou a dividir a negociação do mercado financeiro apenas com a também paulistana BM&F – Bolsa de Mercadorias e Futuros. A BM&F iniciou, nesse momento, um novo ciclo de informatização: foi adotado o sistema GTS — Global Trading System, para negociações eletrônicas de derivativos, e o Sisbex, para títulos públicos. Em 2004, passou a utilizar o WebTrading, sistema eletrônico para pessoas físicas (BM&FBOVESPA, 2009c).

- 21 Esse contexto de transformações técnicas acompanha, por conseguinte, a reorganização das bolsas paulistas: em 2007, com o monopólio do mercado financeiro, elas deixam de ser associações sem fins lucrativos para se tornarem sociedades por ações (S/A), com capital aberto no mercado de capitais. Assim, surgem a Bovespa Holding S/A e a BM&F S/A, que em 2008 se fundem, dando forma a uma nova instituição: a BM&FBovespa S/A - Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros que, em seu surgimento, era “a terceira maior bolsa do mundo em valor de mercado, a segunda das Américas e a líder no continente latino-americano” (BM&FBOVESPA, 2008).
- 22 O processo de informatização do mercado de capitais brasileiro resulta no fim do pregão ao vivo na Bovespa em 2006 (Ferreira, 2007, p. 64) e, em junho de 2009, na antiga BM&F, agora parte da BM&FBovespa. A aceleração técnica no período atual aponta para novas transformações em andamento: o chamado acesso direto ao mercado (DMA – direct market access) passou a ser realizado, também, por meio do chamado co-location — a hospedagem de computadores do cliente no espaço físico da Bolsa (BM&FBovespa, 2009d), inspirada no modelo da Chicago Market Exchange, com quem a BM&FBovespa possui um acordo recente de integração técnica e dos mercados (CMEGROUP; BM&FBovespa, 2009).
- 23 Todavia, a possibilidade técnica de operação no mercado de capitais sem um encontro “físico” não acaba com a importância das bolsas de valores e dos centros financeiros, a qual, segundo Wójcik (2007, p. 202) se explica também em função do compartilhamento de infraestrutura de telecomunicações e pela presença de serviços avançados, em especial relacionados ao setor quaternário. Este autor afirma ainda que o valor dos centros financeiros hoje reside sobretudo na produção e na circulação de informações (Wójcik, 2007, p. 220). Do mesmo modo, Porteus (1999, p. 105-108) afirma que, historicamente, os serviços financeiros se concentraram onde houve demanda a partir da economia produtiva, mas o que define a localização desses centros financeiros mais recentemente são os fluxos de informação e as atividades do quaternário.
- 24 Essas transformações técnicas viabilizaram, portanto, a centralização do mercado de capitais brasileiro em São Paulo (na BM&FBovespa), pois diminuíram bruscamente a importância das praças financeiras regionais a partir da interligação dos investidores por meio da rede do pregão eletrônico. Aliados às mudanças normativas, os novos sistemas técnicos levaram a uma nova configuração do mercado de capitais brasileiro. Essa configuração, inspirada no modelo de países hegemônicos — especialmente dos EUA — é fortemente baseada na circulação e no controle da informação financeira em tempo real.

Círculos de informações financeiras no território brasileiro

- 25 A circulação das informações financeiras embasa o trabalho dos operadores do mercado de capitais, que coletam e analisam essas informações para a tomada de decisões de compra e venda de títulos. No Brasil, a indústria de informação financeira (Martinez, 1999) cresceu com destaque a partir da década de 1990, concentrada especialmente na cidade de São Paulo. Todavia, cabe ressaltar que boa parte da informação financeira produzida na metrópole paulistana é baseada na reprodução das técnicas de análise de outros centros, tais como Nova Iorque e Chicago. Outra parcela importante é resultado da redistribuição de informações desses nós mais privilegiados das redes globais.
- 26 Walton (apud Warf, 1989, p. 262) afirma que a globalização das finanças é vantajosa para a venda de informações financeiras. Dentre as agências globais de informações financeiras, algumas delas lembradas por Warf (1989, p. 263), destacam-se a Bloomberg e a Reuters. Outras empresas, como SIX Telekurs, Interactive Data, CQG Inc., Infobolsa, SDS Financial Technology e Aspen Graphics também merecem ser citadas entre importantes produtoras e comercializadoras de informação financeira, além das agências de classificação de risco (rating).
- 27 Buscamos construir uma tipologia que dê suporte ao entendimento da informação financeira no mercado de capitais, considerando os principais tipos de informação utilizados pelos operadores do mercado de capitais:

Quadro 1: Tipologia da informação financeira de suporte ao mercado de capitais

Tipo	Descrição	Periodicidade	Produtores	Origem
------	-----------	---------------	------------	--------

Boletins / análise de mercado	Análises de mercado, contendo resumo de notícias que podem afetar os mercados, projeções etc. Elaboradas a partir de análise de outras informações.	Diária	Empresas de informação financeira, sociedades corretoras, bancos de investimento	Privada
Análises técnicas	Análises técnicas com uso de gráficos e <i>softwares</i> de análise para indicar momentos de compra e venda de títulos.	Diária	Empresas de consultoria financeira e informação financeira	Privada
Classificação (<i>rate</i>)	Notas definidas a partir de critérios das empresas classificadoras, que representam indicações aos investidores.	Variada, com avaliações regulares	Agências de <i>rating</i>	Privada
Índices	Índices de ações, setoriais, de emprego e resultados da economia.	Variada, com avaliações regulares	Governos, centros de pesquisa, instituições privadas, bolsas	Pública/ Privada
Informações de setores e empresas	Balanços, notícias setoriais e em publicações especializadas, relatórios com resultados financeiros de empresas e setores, dados de departamentos de relação com investidores.	Variada. Algumas possuem divulgação programada	Empresas, consultorias e auditorias; agências de notícias; associações setoriais; IBGE	Pública/ Privada
Notícias políticas	Notícias políticas do país com relação à economia, estabilidade, relação do governo com empresas, impostos etc.	Diária	Agências de notícias	Privada
Informações privilegiadas	Informações privilegiadas de negócios ou processos que ferem a “equidade” dos operadores. São reguladas pela CVM, representando crime financeiro.	Variada	Todos os produtores de informação financeira	Restrita

Fonte: Pasti (2010).

28 As informações privilegiadas, também conhecidas por seu nome em inglês, *inside informations*, são proibidas por ferirem o princípio da “equidade dos agentes econômicos”, ou seja, quem as possui tem vantagens perante os demais. Apesar da regulação, pela Comissão de Valores Mobiliários, seu uso acontece com frequência, segundo relatos dos próprios investidores. Dentre os exemplos dessas informações, podemos citar dados sobre a saúde financeira das empresas ainda não divulgados, mudanças na classificação pelas agências de classificação de risco antes de sua divulgação pública e conhecimento de andamento de processos jurídicos mantidos em sigilo.

29 Os índices têm como objetivo funcionar como “indicadores antecedentes”, antecipando tendências e indicando o “desempenho do mercado” (Fortuna, 2008, p. 622). É uma informação racionalizada e construída para ser mensurável, exercendo grande influência sobre os operadores do mercado de capitais. Por constituírem um grupo muito heterogêneo, foram organizados em um quadro a parte:

Quadro 2: Principais índices com influência no mercado de capitais brasileiro

Índice	Descrição	Periodicidade de publicação	Produtores	Origem
Ibovespa	Índice de ações que calcula desempenho de uma carteira de ações escolhidas como as mais relevantes do quadrimestre.	Instantânea (durante pregão)	BM&FBovespa	Privada
Índices setoriais	Índices de ações que calculam o desempenho de carteiras de ações de determinados setores, como IMOB (imobiliário), IEE (energia elétrica) e ITEL (telecomunicações).	Instantânea (durante pregão)	BM&FBovespa	Privada
IGC Governança Corporativa	Índice de ações que calcula desempenho de uma carteira de ações composta por empresas reconhecidas com práticas de governança corporativa.	Instantânea (durante pregão)	BM&FBovespa	Privada
IPCA	Índice de preços ao consumidor amplo, medição oficial de inflação.	Mensal	FIBGE	Pública
IGP-M	IGPs são índices gerais de preços, que registram a inflação. O IGP-M é calculado em 3 apurações mensais.	Mensal	Fundação Getúlio Vargas	Privada
S&P 500	Índice de ações que calcula desempenho de 500 títulos norte-americanos considerados os mais relevantes.	Instantânea (durante pregão)	Agência Standard & Poor's	Privada
Emprego	Os índices oficiais de emprego e desemprego são levantados na Pesquisa Mensal do Emprego/IBGE. Há também o índice de emprego do DIEESE (outra metodologia).	Mensal	FIBGE DIEESE (SEADE)	Pública

Fonte: Pasti (2010).

30 Já em uma classificação quanto aos agentes produtores dessa informação financeira, poderíamos, em uma primeira aproximação, classificar as informações entre primárias —

produzidas essencialmente por agências de informação financeira e pelas bolsas — e derivadas — baseadas na reprodução e, por vezes, no tratamento das informações primárias com auxílio de softwares. Elas são produzidas sobretudo por empresas de consultoria e corretoras.

31 Buscando compreender os agentes produtores dessas informações e seu papel na divisão do trabalho ligado ao mercado de capitais, apresentamos a seguir os agentes de maior destaque.

A BM&FBovespa, as corretoras e a produção e redistribuição de informações financeiras

32 A bolsa de valores, mercadorias e futuros brasileira BM&FBovespa é, também, produtora de informação financeira para o mercado de capitais brasileiro. Dentro da tipologia apresentada, ela pode ser considerada uma das principais produtoras de informações primárias do mercado no país. Ela destaca-se entre os vendedores nacionais de informação financeira sobretudo por meio de seu produto Sinal de Informações, canal de venda de cotações, índices, notícias e informações sobre os “mercados Bovespa e BM&F” em tempo real. Ela vende, ainda, dois softwares ligados à circulação de informações financeiras: (1) iMercado, que viabiliza a troca de informações dos diferentes softwares do mercado por uma linguagem padronizada, e (2) Sinacor, voltado à gestão de informações pelas corretoras de valores⁹.

33 Em relação à produção de informação financeira primária deve-se lembrar, também, dos agentes públicos produtores de informação, como o Banco Central, por meio de sua Gerência Executiva de Relações com Investidores e a FIBGE, já citada, especialmente com os índices de emprego. Souza (1997) destaca ainda fontes internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

34 Todavia, a maior parte dos agentes dos círculos de informações financeiras pode ser classificada como produtora de informações derivadas, com níveis diferentes de trabalho imaterial sobre as informações primárias. Nesse caso, as sociedades corretoras destacam-se como redistribuidores de informações dos produtores primários aos seus clientes investidores e aos operadores do mercado de capitais. Além das corretoras, identificamos os distribuidores nacionais de informação financeira autorizados pela BM&FBovespa:

Quadro 3: Distribuidores nacionais de informação financeira autorizados - BM&FBovespa (2009)

Empresas e agências de informação financeira		Portais, jornais e agências noticiosas	Consultorias financeiras
Enfoque Informações Financeiras	Apligraf	UOL - Universo Online	BIAM Consultoria e Gestão de Capitais CMA Consultoria Lopes Filho & Associados Consultoria Bancos Banco do Brasil S/A
Bloomberg do Brasil	BlankSys	Globo.com	
Cedro Market & Finances	CILP	IG - Internet Group	
InvestNews	CellBroker	Terra Networks Brasil	
Reuters Brasil	IT Evolution	Yahoo Brasil	
DCCS - Dias Camargo	Nelogica	Valor Online	
INFOInvest	Trader Data	InfoMoney	
	Trader Gráfico	Agência Estado	

Fonte: Pasti (2010).

35 Organizamos os distribuidores entre empresas e agências de informação financeira, que produzem e vendem informações; portais, jornais e agências noticiosas, que disponibilizam informações menos precisas e com menos trabalho imaterial, praticamente reproduzindo cotações aos seus assinantes e ao público em geral; e consultorias financeiras e bancos, os quais redistribuem informações financeiras por meio de seus serviços, de forma diferenciada do primeiro grupo.

36 Observa-se, no mapa abaixo, que a maior parte desses distribuidores de informação financeira autorizados pela BM&FBovespa localiza-se na cidade de São Paulo (16 entre 27, sendo que há mais alguns com escritórios na cidade), reforçando e demonstrando a densidade informacional da metrópole.

Mapa 1: Distribuidores de informação financeira autorizados – BM&FBovespa (2009)



Fonte: BM&FBovespa (2009).

- 37 É preciso destacar também outras empresas nacionais produtoras de informações financeiras não citadas, tais como Agência Dinheiro Vivo, LAFIS Consultoria, AgRural¹⁰, Interlink Consultoria, Tema Consultoria em Software Financeiro, os jornais Valor Econômico e Brasil Econômico e o jornal Gazeta Mercantil, fechado em maio de 2009, que contava também com a empresa Panorama Setorial, especialista em análises setoriais.

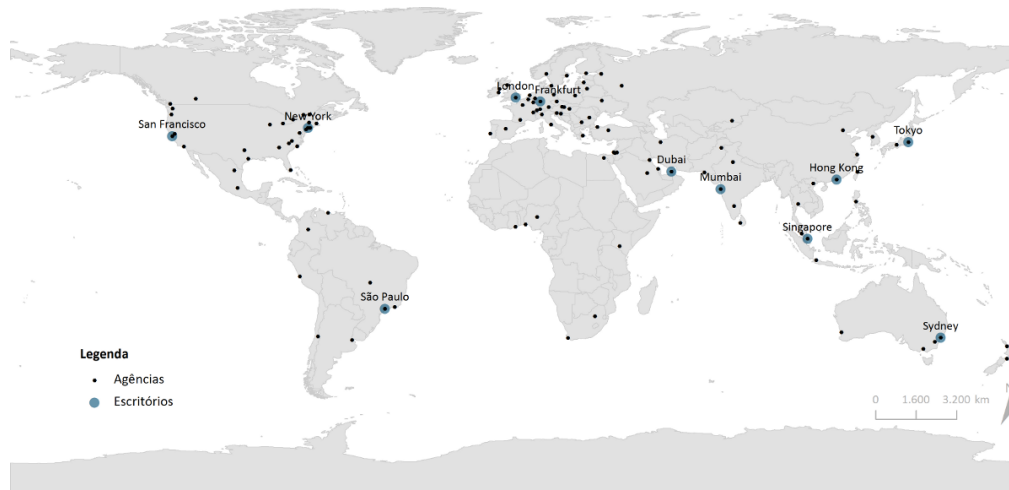
As agências transnacionais de informação financeira

- 38 Entre os produtores de informação financeira primária figuram, como já citado, agências transnacionais de informação, sendo as principais Bloomberg e Reuters, que possuíam, em 2008, cada uma um terço do mercado de informações financeiras — estimado à época em 16 bilhões de dólares — com o terço restante distribuído entre diversos agentes menores (New York Times, 2009). Essas agências são fornecedoras de informação para jornais, agências de notícias nacionais e regionais, corretoras de valores, portais da internet e outros agentes redistribuidores de informação financeira. Também produzem análises gráficas, análises técnicas e outros produtos, além de oferecerem serviços a empresas especializadas que também tratam essas informações e geram informações derivadas.
- 39 Essas agências de informação financeira organizam-se como agências transnacionais de notícias especializadas e trabalham com correspondentes espalhados pelo mundo. Esses correspondentes fornecem informações à sede, que trata e redistribui essas informações por meio de seus serviços. Em função de sua abrangência, são os principais intermediários entre as fontes de notícia e os meios de comunicação (Montalbán, 1979, p. 35).

40 Mapeamos a rede da agência Bloomberg para analisar sua topologia. A Bloomberg é uma agência relativamente nova, de 1981, especializada em informação financeira. Sua base é em Nova Iorque e utiliza como canais de informação a televisão, o rádio, a internet e publicações como revistas e livros, a partir de uma editora própria (Bloomberg, 2009). Os serviços são pagos pelos assinantes e redistribuidores de informação.

41 No Brasil, especialmente a partir do processo de financeirização do noticiário econômico na década de 1990, apontado por Puliti (2009)¹¹, essa agência tem papel chave na disseminação das informações aos investidores do mercado de capitais e outros agentes econômicos. Sua rede se organiza em agências — locais ligados à coleta e à produção de notícias — e escritórios de serviços, como se observa a seguir:

Mapa 2: Agências e escritórios de notícias da Bloomberg no mundo (2009)



Fonte: Bloomberg (2009).

42 Por meio da análise do mapa, é possível comprovar a concentração dos nós da rede nos centros mais dinâmicos ao capital financeiro — as cidades norte-americanas, europeias e japonesas. Observa-se, portanto, o papel subordinado de São Paulo nessa rede mundial de cidades. No Brasil, encontram-se três agências, em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, os centros de gestão do território brasileiro (CORRÊA, 1989). No entanto, pode-se inferir um papel financeiro de destaque da cidade de São Paulo na rede urbana latino-americana ao observar a localização dos escritórios de serviços — que vendem anúncios e outros serviços da Bloomberg. Como estes são mais estratégicos à empresa, compõem uma rede mais restrita. Em todo o continente americano, há apenas três escritórios: dois estadunidenses, em Nova Iorque e São Francisco, e um em São Paulo.

43 Em relação à britânica Reuters, sua gênese deu-se em 1851 e desde então ela figura entre as principais agências de notícias do mundo. Após longa trajetória de configuração de uma hegemonia global na produção de notícias gerais, a agência se reorganizou no pós-guerra, sobretudo a partir da década de 1970, incluindo os serviços de informação financeira como estratégicos (READ, 1999, p. 361).

44 As agências transnacionais de informação financeira representam, do ponto de vista geográfico, um controle externo de notícias e informações que incidem no território brasileiro, como vetores verticais que reorganizam e desorganizam o território nacional sob a lógica de agentes hegemônicos do norte global. O mesmo ocorre para o caso analisado a seguir, das agências de classificação de risco.

As agências de classificação de risco e a alienação do território brasileiro

45 Outros agentes de destaque na trama da informação financeira, as agências de classificação de risco (ou rating) são empresas privadas que atribuem uma classificação — similar a uma nota, dentro de uma hierarquia que elas próprias estabelecem — a empresas, instituições e até mesmo países, relacionada aos riscos que podem impactar o retorno do investimento e a capacidade de pagamento das dívidas (FORTUNA, 2008, p. 540). Destacam-se, entre essas

agências, Standard & Poor's e Moody's, que possuem 80% desse mercado, além da Fitch, que possui cerca de 15% (THE ECONOMIST, 2007). Todas elas são norte-americanas e possuem escritórios na cidade de São Paulo.

46 Ao analisar o mapa a seguir, dos escritórios das principais agências na América Latina, observa-se uma aglomeração em poucos centros: as metrópoles de Buenos Aires, Cidade do México e São Paulo. Em todos os casos, no entanto, esses centros estão subordinados aos escritórios centrais, em Nova Iorque.

Mapa 3: Escritórios das agências Moody's e S&P na América Latina e localização dos escritórios centrais



fontes de informação utilizadas pelas agências são (1) dados publicamente disponíveis, como relatórios anuais; (2) dados de mercado, como tendências de preços de ações; (3) dados econômicos setoriais; (4) dados de instituições financeiras, como banco centrais e órgãos reguladores; (5) dados oriundos de reuniões com credores, mesmo que confidenciais; (6) discussões com fontes especializadas no setor, governo ou meio acadêmico; e (7) outras

fontes mais gerais, como livros e periódicos. Três atividades de classificação se destacam: as perspectivas, que são avaliações sobre a provável direção de um rating no médio prazo (18 meses), podendo ser positivas, negativas, estáveis ou “em desenvolvimento”; a revisão, quando um crédito é colocado em observação para elevação ou rebaixamento da nota; e a confirmação, que é a manutenção do rating após a revisão formal do comitê da agência (Moody’s apud Filgueiras, 2008).

- 47 Conforme nota Arroyo (2006, p. 187), “com a emergência das finanças como variável-chave do período histórico atual, os países passam a ser classificados segundo a capacidade de pagar suas dívidas”. Com base nas informações das agências de classificação de risco, os investidores decidem como aplicar o dinheiro e quanto cobrar de juros sobre os empréstimos concedidos.
- 48 Uma das principais classificações das agências nesse contexto é o risco soberano, que é “o risco de crédito associado a operações de crédito concedido a Estados soberanos” (Canuto; Santos, 2003, p. 8). Também merece destaque, segundo estes autores (2003, p. 16) o risco país, que abarca, além da análise de risco ligado às atividades do governo federal, também aquele relacionado aos demais credores residentes no país, referindo-se especialmente com fatores que podem estar sob controle do governo. Entre os principais fatores e variáveis considerados na avaliação do risco soberano, de acordo com Canuto e Santos (2003, p. 24), estão: (1) risco político, civil e institucional, sendo avaliadas essencialmente a estabilidade e a legitimidade das instituições públicas; (2) setor real e estrutura econômica, avaliando-se o crescimento econômico e a orientação à economia de mercado; (3) setor fiscal, verificando-se a condução da política fiscal do governo; (4) setor monetário e financeiro, onde avalia-se a “coerência e sustentabilidade” das políticas monetárias e cambiais; e (5) o setor externo, avaliando o impacto das políticas monetárias sobre as contas externas.
- 49 Devido à adoção de políticas alinhadas com esses critérios no Brasil, as agências Standard & Poor’s e Fitch deram ao Brasil em 2008 a classificação chamada “grau de investimento” (investment grade), que incentiva o investimento no país. A classificação desencadeou intensas reações na bolsa de valores. Conforme Arroyo (2006, p. 187-188), os critérios utilizados pelas agências de rating fazem com que o “superávit primário se transforme em uma obsessão para os governantes latino-americanos, condicionando suas opções de alocação de recursos e limitando o dinheiro disponível para investimento e para aplicação em programas sociais”. É dessa forma que o dinheiro nacional fica preso à lógica financeira dos agentes hegemônicos globais, privando o território de uma regulação interna e soberana.

São Paulo, metrópole financeira e informacional

- 50 No período atual, algumas cidades comandam os fluxos de informação, abrigando os principais agentes produtores ou redistribuidores dessa informação (Santos, 2008a, 2009; Silva, 2001). No caso dos territórios periféricos, como o brasileiro, esse comando é subordinado aos centros verdadeiramente hegemônicos, como Nova Iorque e Londres. Ainda assim, alguns centros abrigam, nacionalmente, esse comando da informação — em especial São Paulo, considerada metrópole onipresente no território brasileiro (Santos, 2008 [1993], p. 103), já que as ordens que partem dessa metrópole reorganizam todo o território. Dessa forma, configura-se uma complexa divisão territorial do trabalho, a qual condiciona e se reflete na rede urbana (Corrêa, 1989, p. . 48). Conforme Dias (1995, p. . 103), no atual período as redes informacionais são os vetores, por excelência, da integração territorial.
- 51 A partir da hegemonia de São Paulo no mercado de capitais brasileiro, começou a tomar corpo um projeto de tornar a cidade um centro financeiro internacional. Em 2004 surgiu o embrião desse projeto, quando algumas das principais instituições financeiras com apoio do Estado (por meio do Banco Central, da Comissão de Valores Mobiliários e do Tesouro Nacional), criaram uma instituição chamada BEST Brazil, com o intuito de “promover o mercado de capitais brasileiro no cenário internacional” (Best, 2010).
- 52 Essa iniciativa acompanha um processo de “fortalecimento” das bolsas paulistas, que culmina, como visto anteriormente, em sua fusão (BM&FBovespa, 2008). A partir da obtenção do grau de investimento em 2008 para o Brasil por algumas das principais agências de rating, o projeto se consolida, até que desponta publicamente em 2010, quando importantes instituições

financeiras — comandadas pela BM&FBovespa, pela ANBIMA¹² e pela Febraban¹³ — se associaram e criaram a BRAIN (Brasil Investimentos e Negócios), associação que comandará desde esse momento o projeto de tornar o Brasil, a partir de São Paulo, um centro financeiro internacional com atuação especialmente na América Latina, sob objetivo de centralizar na metrópole paulistana toda a gestão e negociação dos ativos latino-americanos (Brain, 2010a; Brain, 2010b).

53 Diversas ações vêm sendo planejadas e executadas nos últimos anos em função desse projeto, que acompanha o reforço à primazia informacional e financeira de São Paulo na rede urbana brasileira e os processos em curso de reorganização da cidade. Dessa forma, emergem novos usos e transformações na cidade a partir do interesse dos agentes econômicos hegemônicos.

Considerações finais

54 Os círculos de informações financeiras, comandados por poucos agentes econômicos hegemônicos, condicionam os usos do território, em função de regerem parte importante da economia, impõem racionalidades externas e restringem usos soberanos do território. Assim, podemos afirmar que eles atuam como vetores verticais de reorganização do território brasileiro, que são impostos de fora e o desorganizam sob essa racionalidade.

55 A financeirização da economia e da sociedade, sobre a qual nos interessam aqui especialmente as questões relativas ao mercado de capitais, se dá, também, por meio de um processo ideológico de apoio — conformando uma psicofera¹⁴ de suporte à ascensão de importância desse mercado. Nos campos de disputas pela informação se constrói, a partir dos agentes do mercado de capitais, um forte discurso de justificação e convencimento de seu projeto — incluindo a defesa da importância do mercado de capitais para a sociedade, da racionalidade financeira e do empreendedorismo.

56 A esse respeito, devemos considerar também que os círculos de informações financeiras participam do processo de alienação territorial (Ribeiro, 2005, p. . 268) no Brasil. De um lado, tem destaque a atuação das agências de classificação de risco, que determinam normas para a gestão e os investimentos públicos. De outro, a psicofera de suporte à conformação dos espaços da globalização na metrópole paulistana em função de suas atividades financeiras, já que as formas orientadas pelo dinheiro e pelo tempo da globalização hegemônica são a feição dos espaços alienados no território brasileiro (Cataia, 2008, p. . 349).

57 Os novos usos financeiros do território brasileiro, ligados à dinâmica do mercado de capitais, configuram-se, assim, como faces da violência do dinheiro e da informação (Santos, 2000) no atual período da globalização. A metrópole paulistana sintetiza e apresenta as contradições desse processo, sendo reorganizada atualmente a partir desses usos corporativos do território. Dessa forma, são reveladas as formas como a globalização vem sendo produzida, a serviço de poucos agentes econômicos hegemônicos, de forma seletiva no território.

Bibliografia

ANBIMA. A Anbima. [online] Disponível em <<http://anbima.com.br/anbima.asp>>. Acesso em 2010.

Arroyo, M. A vulnerabilidade dos territórios nacionais Latino-Americanos: o papel das finanças. In: LEMOS, A.; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. Questões territoriais na América Latina. São Paulo: CLASCO, 2006.

BEST. About BEST - Brazil Excellence in Securities Transactions. [online] Disponível em <<http://cndireto.com.br/bestbrazil/pages/about.asp>>. Acesso em 2010.

Béteille, r. La révolution boursière internationale. L'Information Géographique, Paris, v. 55, nº 1, p. 1-10, 1991.

Bloomberg. About Bloomberg. [online] Disponível em <<http://about.bloomberg.com>>. Acesso em 2009.

BM&FBOVESPA. Sobre. [online] Disponível: <<http://bmfbovespa.com.br/portugues/QuemSomos.asp>>. Acesso em 2008.

BM&FBOVESPA. História. [online] Disponível: <<http://bmfbovespa.com.br/portugues/Historia.asp>>. Acesso em 2009a.

- BM&FBOVESPA. Sinal de Informações. [online] Disponível: <<http://bovespa.com.br/Bovespa/SinalVendorsAutorizados.asp>>. Acesso em 2009b.
- BM&FBOVESPA. WebTrading. [online] Disponível: <<http://bmf.com.br/portal/pages/webtrading/webtrading.asp>>. Acesso em 2009c.
- BM&FBOVESPA. Evolução do ambiente de negociação eletrônica da BVMF. Apresentação, maio/2009. São Paulo: BM&FBovespa, 2009d.
- BOVESPA. Perfil e História. [online] Disponível: <http://bovespa.com.br/Bovespa/Perfil_Historia.htm>. Acesso em 2008a.
- BOVESPA. Dicionário de Finanças. [online] Disponível: <<http://bovespa.com.br/Investidor/DicionarioFinan>>. Acesso em 2008b.
- BRAIN. Agenda Estratégica. [online] Disponível: <<http://brain.clientes.ananke.com.br/site/Agenda.aspx?lng=&p=37>>. Acesso em 2010a.
- BRAIN. Estatuto Social. São Paulo: BRAIN, 2010b.
- Canuto, o.; SANTOS, P. F. P. Risco soberano e prêmios de risco em economias emergentes. Temas de Economia Internacional, n. 1. Brasília: Ministério da Fazenda, 2003.
- Cataia, M. Crise nas Grandes Cidades: Alienações e Resistências. In: SOUZA, Maria Adélia. A Metrópole e o Futuro. Campinas: Edições Territorial, 2008.
- Chesnais, F. Introdução Geral. In: CHESNAIS, F. (coord.). A mundialização financeira. São Paulo: Xamã, 1998.
- CMEGROUP; BM&FBOVESPA. O Acordo. [online] Disponível: <<http://cmegroup-bmfbovespa.com>>. Acesso em 2009.
- Contel, F. Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 2007. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2007.
- Corrêa, R. L. Os centros de gestão e seu estudo. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 109-120, out/dez. 1989.
- CVM. Mercados futuros e derivativos [online] Disponível: <<http://bit.ly/derivativos>>. Acesso em 2009.
- Dantas, M. Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo. Lua Nova, São Paulo, n. 60, p. . 5-44, 2003.
- Dias, L. C. Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil. Paris: L'Harmattan, 1995.
- Dias, L. C. Por que os bancos são o melhor negócio do país? Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias. In: ALBUQUERQUE, E. (org.). Que país é esse? São Paulo: Globo, 2005.
- Febraban. Trajetória. Disponível em <<http://febraban.org.br>>. Acesso em 2010.
- Ferreira, A. A Força dos Pregões. São Paulo: BM&F, 2007.
- Filgueiras, M. L. Na berlinda, agências de rating se defendem. Gazeta Mercantil, n. 23928. São Paulo: CBM, 2008.
- Fortuna, E. Mercado financeiro: produtos e serviços. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.
- Garretsen, H., Kitson, M.; Martin, R. Editorial: Spatial circuits of global finance. Cambridge Journal of Regions, Economy and Society, 2009, 2, 143-148 . 2009.
- Gonçalves, M. E. Direito da informação. Coimbra: Almedina, 2003.
- IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA. [online] Disponível em <http://ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultinpc.shtm>. Acesso em 2009.
- Labasse, J. L'espace financier: analyse géographique. Paris: Armand Colin, 1974.
- Laborit, H. Société Informatique: idées pour l'autogestion. Paris: Lés Éditions du Cerf, 1973.
- Lojkin, J. A revolução informacional. São Paulo: Cortez, 2002.
- Luna, F. V.. A capital financeira do País. In: SZMRECSÁNYI, T. (org.) História Econômica da cidade de São Paulo. São Paulo: Globo, 2004.
- Martinez, A. M. E. A indústria da informação no Brasil. Perspect. Cient. Inf., Belo Horizonte, v. 4. n. 2, p. . 211-216. jul./dez. 1999.
- Mattelart, A. Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Montalbán, M. V. As Notícias e a Informação. Espanha: Editora Salvat, 1979.
- Mumford, L. A Cidade na História. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- New York Times. At Bloomberg, Modest Strategy to Rule the World [online] Disponível: <<http://nyti.ms/gP3C5J>>. 2009. Acesso: dezembro/2009.
- Porat, M. U. The information economy: definition and measurement. Washington: National Science Foundation, 1977.
- Porteus, D. The development of financial centres: Location, Information externalities and path dependence. In: MARTIN, R. (ed.) Money and the space economy. Chichester (UK): Wiley, 1999.
- Pred, A. Sistemas de cidades. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Puliti, P. A Financeirização do Noticiário Econômico no Brasil (1989-2002). Dissertação (Mestrado). ECA/USP, São Paulo, 2009.
- Read, D. The Power of News – The History of Reuters. Nova Iorque: Oxford, 1999.
- Ribeiro, A. C. T. Outros territórios, outros mapas. Osal, Ano VI, n. 16, jan/abr, pp. . 263-272. 2005.
- Santos, M; Silveira, M. L. O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2006 [2001].
- Santos, M. O dinheiro e o território. GEOgraphia. Ano 1, n. 1, pp. . 7-13, 1999.
- Santos, M. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Santos, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2006 [1996].
- Santos, M. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Edusp, 2008a [1993].
- Santos, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008b [1994].
- Santos, M. Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo. São Paulo: Edusp, 2009.
- Silva, A. B. A contemporaneidade de São Paulo: Produção de informações e novo uso do território brasileiro. 2001. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- Silva, A. B. A cidade de São Paulo e a Produção de Informações: Contribuições à Pesquisa e ao Debate. In: Anais do XI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - SIMPURB, 2009.
- Silva, A. B. Círculos de informações, urbanização e usos do território. Revista da ANPEGE, v. 8, n. 10, 2012.
- Silveira, M. L. Um País, Uma Região – Fim de Século e Modernidades na Argentina. 1997. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP, São Paulo, 1997.
- Souza, T. Fontes de informação financeira. Perspect. Cient. Inf., Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175-188. jul./dez. 1997.
- The Economist. Measuring the measurers: Credit rating could do with more competition, and a bit more rigour. [online] Disponível: <<http://econ.st/measurecras>>. 2007.
- Tomelin, M. O quaternário: seu espaço e poder. Brasília, Editora UNB: 1988.
- Warf, B. Telecommunications and the Globalization of Financial Services. The Professional Geographers. v. 41, n. 3, pp. . 257-271, 1989.
- Wójcik, D. Geography and the Future of Stock Exchanges: Between Real and Virtual Space. Growth and Change. v. 38, n. 2, jun, 2007

Notas

1 O mercado de capitais é o segmento do mercado financeiro onde se realizam as operações de compra e venda de ações e títulos mobiliários – isto é, títulos com valor financeiro que podem ser negociados – efetuadas entre empresas, investidores e/ou poupadores (Bovespa, 2008b).

2 Derivativos são operações financeiras que têm como base de negociação o preço ou cotação de outro ativo (CVM, 2009).

3 Com o avanço da circulação e da comunicação possibilitando que a localização de diversas etapas dos processos produtivos sejam dissociadas, dois conceitos tornam-se explicativos desses arranjos territoriais: os circuitos espaciais produtivos, ligados aos fluxos materiais, e os círculos de cooperação, que combinam esses aos fluxos imateriais — capital, informação, mensagens, ordens (Santos, 2008b [1994], p. 121-122). Nesse sentido, analisamos os círculos de informações, compondo-se dos fluxos informacionais que efetivamente transitam no território e se impõem aos lugares. Não se trata, portanto, de notar formas, mas conteúdos em movimento. Conforme Silva (2012), há hoje importantes “círculos

globais da informação, retrato do crescente poder das empresas globais sobre o destino dos territórios, da sociedade e da política”.

4 São exemplos os Decretos nºs. 417/1845, 648/1849 e 6.132/1876, que regulamentam, respectivamente, a profissão de corretor, o funcionamento do mercado de capitais e o pregão das bolsas; e os Decretos-Lei nºs. 1.344/1939 e 7.293/1945, responsáveis, respectivamente, pela regulação da atividade dos corretores e pela criação da Superintendência da Moeda e do Crédito, embrião do Banco Central.

5 Entre as normas estabelecidas nesse período, destacam-se a Lei nº. 4.595/1964, que cria o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central do Brasil, e a Lei nº. 4.728/1965, conhecida como Lei do Mercado de Capitais.

6 Segundo Santos (2008, p. 37), esse seria o meio geográfico resultante do momento em que a ciência, as técnicas e a informação ganham destaque na construção ou reconstrução do espaço.

7 Embora tenha servido de palco para muitas privatizações, a BVRJ perdeu liquidez com a saída de seus principais títulos, como a Telebrás.

8 As atividades financeiras seriam as que mais se beneficiam do enquadramento rigoroso do tempo na convergência dos momentos, conforme Santos (2006, p. 200). Segundo ele, “o dinheiro, em suas múltiplas formas, pode, agora, fluir globalmente, 24 sobre 24 horas”.

9 Além disso, a BM&FBovespa oferece informações gratuitamente, por meio do produto Acesso Móvel, disponibilizando informações para dispositivos móveis como celulares; do Canal Eletrônico do Investidor, com dados sobre as negociações e saldos de um investidor na BM&FBovespa; e da publicação periódica de dados do mercado.

10 Especializada em informações de *commodities* agrícolas negociadas no mercado BM&F.

11 A autora chama atenção para o fato de que “a vertente ideológica da financeirização não foi introduzida no noticiário pelos economistas do mercado financeiro ou por banqueiros, mas pelo discurso do próprio governo”, que colocou os interesses do capital financeiro no noticiário como sendo de amplo interesse nacional (PULITI, 2009, p. 272).

12 A ANBIMA, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais, resulta da fusão entre a ANBID (Associação Nacional dos Bancos de Investimento) e a ANDIMA (Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro), ocorrida em 2009. Ela representa atualmente 325 entidades (ANBIMA, 2010).

13 A Febraban é a Federação Brasileira de Bancos, e conta atualmente com 120 dos 159 bancos autorizados pelo Banco Central (Febraban, 2010).

14 Milton Santos (2006, p. 255-259) trata da psicosfera considerando-a o campo das ideias, crenças, paixões e o lugar da produção de sentido, que fornece regras à racionalidade ou estimula o imaginário.

Para citar este artigo

Referência electrónica

André Pasti e Adriana Maria Bernardes da Silva, « O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro », *Confins* [Online], 19 | 2013, posto online em 04 Dezembro 2013, Consultado o 04 Dezembro 2013. URL : <http://confins.revues.org/8653> ; DOI : 10.4000/confins.8653

Sobre os autores

André Pasti

Universidade Estadual de Campinas, andre@pasti.art.br

Adriana Maria Bernardes da Silva

Universidade Estadual de Campinas, abernar@ige.unicamp.br

Direitos de autor

© Confins

Resumos

Este artigo resulta de investigação a respeito do movimento das bolsas de valores — e, assim, do mercado de capitais — no processo de financeirização do território brasileiro, a partir da

configuração dos círculos de informações financeiras que embasam o funcionamento desse mercado no período da globalização. Para tanto, discutimos as relações entre os círculos de informações e os novos usos do território, as principais transformações técnicas e políticas no mercado de capitais brasileiro a partir da globalização, os novos agentes e conteúdos trazidos pelos círculos de informações financeiras na cidade de São Paulo e as implicações dessa reorganização do mercado de capitais à rede urbana brasileira.

Cet article examine le mouvement des marchés boursiers dans la financiarisation du territoire brésilien, à travers l'analyse des circuits de l'information financière qui sous-tend le fonctionnement de ce marché à l'époque de la mondialisation. À cet effet, nous discutons des relations entre les milieux d'information et les nouveaux usages du territoire, les principales transformations techniques et politiques sur les marchés de capitaux brésiliens au sein de la mondialisation, les nouveaux agents et les nouveaux contenus apportés par les milieux de l'information financière à São Paulo et les conséquences de cette réorganisation du marché des capitaux sur le réseau urbain brésilien.

This paper discusses the movement of stock markets in the financialization of the Brazilian territory, through the analysis of the circuits of financial information underlying the functioning of this market in the period of globalization. To this end, we discuss the relations between the circles of information and the new uses of the territory, the main technical and political transformations in the Brazilian capital markets from globalization, new agents and contents brought by circles of financial information in São Paulo and the implications of this reorganization of the capital market to Brazilian urban network.

Entradas no índice

Index de mots-clés : finance, information, marché financier, territoire brésilien

Index by keywords : Brazilian territory, finance, information, stock market

Índice geográfico : Brasil/Brazil, São Paulo

Índice de palavras-chaves : finanças, informação, mercado de capitais, território brasileiro